

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

N.º 20 (2025)



Recensão a *Anticolonial Form: Literary Journals at the End of Empire*, de Alexandra Reza

Daniela Spina

Práticas da História, n.º 20 (2025): 253-260

www.praticasdahistoria.pt

This journal is funded by National funds through FCT — Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., under the projects UID/HIS/04666/2013, UID/HIS/04666/2019, UIDB/04666/2020, UIDP/04666/2020, UIDB/04209/2020, UIDP/04209/2020 and LA/P/0132/2020.

Alexandra Reza

*Anticolonial Form: Literary
Journals at the End of Empire*

Oxford: Oxford University Press, 2024, 284 pp.

Daniela Spina*

Numa época em que as fronteiras disciplinares se tornam cada vez mais ténues, o primeiro livro de Alexandra Reza acolhe o desafio de interpretar duas experiências editoriais incontornáveis da luta anticolonial do século XX à luz da mais sofisticada teoria da literatura. *Anticolonial Form: Literary Journals at the End of Empire* é um livro de história que fala de literatura, mas poderia ser descrito também como um livro de literatura que fala de práticas de investigação historiográfica. A partir do estudo das revistas *Mensagem*, produzida no seio da Casa dos Estudantes do Império, entre 1948 e 1964, e *Présence Africaine*, fundada em Paris pela iniciativa de Alioune Diop, em 1947, o livro de Alexandra Reza lembra-nos da impossibilidade de pensar na história do colonialismo e da luta anticolonial senão em perspetiva comparada. Para Reza, a união entre estudos pós-coloniais e literatura comparada é indispensável para atender à complexidade de um fenómeno como o colonialismo europeu. Daí que a busca de ferramentas para a análise literária na tradição formalista seja necessária para a interpretação

* Daniela Spina (dspina@fcsh.unl.pt).  <https://orcid.org/0000-0003-2094-3121>. CHAM – Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, Av. Berna 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal. Este trabalho foi realizado com o apoio da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do contrato 2023.07812.CEECIND. Receção da recensão original: 12-11-2024. Receção da versão revista: 15-11-2024. Aceitação: 18-11-2024.

do programa político que as duas publicações se propuseram levar à frente, como expresso por uma frase do livro que pode ser usada como um guia de leitura da obra inteira: “with the way *how* things are said shapes *what* is said”¹.

A tónica na forma concretiza-se, em primeiro lugar, na *journal form* e na potencialidade da imprensa periódica enquanto escrita criativa, o que permite investigar todas as nuances da produção cultural nos processos de descolonização em causa. A tensão entre forma e conteúdo é mais gritante no caso da *Preséance Africaine*, revista que deve ser situada numa fase mais amadurecida do pensamento anticolonial e num contexto político democrático diferente daquilo em que operavam as individualidades africanas envolvidas em *Mensagem*. Operando em Lisboa num contexto ditatorial, estas encontravam-se ainda numa fase de descoberta não só da história e das culturas de África – como explica bem Reza ao ilustrar a experiência edificante do Centro de Estudos Africanos (CEA) – mas também das possibilidades de tornar a luta contra o colonialismo uma luta transnacional que não se limitasse ao império português. A imagem dos jovens editores/autores de *Mensagem* como leitores da *Preséance Africaine* é a imagem mais potente que sobressai do livro, lembrando-nos que o carácter transnacional da luta anticolonial prescinde da imediatez da ação militante, perpetuando-se na durabilidade da experiência da leitura. Ainda com ênfase na forma, para Reza o transnacionalismo da *Preséance Africaine* não pode ser estudado apenas à luz das conexões que os editores teciam com intelectuais africanos ou afroamericanos em vista de momentos agregadores internacionais, como o Congrès des Écrivains et Artistes Noirs em Paris, em 1956, ou em Roma, em 1959, mas sim nas práticas de tradução de textos que a revista incentivava. Exemplo disso são as traduções de português para francês publicadas por Mário Pinto de Andrade, o qual emerge do livro como imperiosa figura aglutinadora das duas realidades políticas e literárias. Reza informa-nos, também, que muitas das traduções publicadas na *Présence Africaine* foram realizadas por mulheres, cuja participação

¹ Alexandra Reza, *Anticolonial Form: Literary Journals at the Ende of Empire* (Oxford: Oxford University Press, 2024), 11.

na revista foi eclipsada pela preponderância das intervenções masculinas. Contudo, o envolvimento ativo de agentes femininos na preparação do paratexto leva-nos a pensar que não será correto falar de invisibilidade das mulheres, sendo que o trabalho delas é palpável e visível na própria forma, e no protagonismo que as traduções ganham no projeto editorial em questão.

Anticolonial Form está organizado em duas partes: “A dialectic of literature and politics”, onde a autora do livro explora, suportada por um abundante *corpus* teórico, a relação entre política e literatura; e “Cracks and fragments”, onde investiga as dissonâncias intrínsecas às duas publicações, as discrepâncias inerentes aos papéis de gênero e a reconfiguração do espaço colonial propriamente dito. No primeiro capítulo, “An articulated journal form”, é investigado aquilo que Reza chama “lateral and associative work”², isto é, o esforço que as duas publicações fazem ao empenhar-se na produção de conhecimentos práticos e teóricos, para tornar as experiências singulares em formas de conhecimentos partilháveis e, por isso, coletivas. A autora foca-se em duas contingências: a justaposição de diferentes lugares de escrita e a justaposição de escrita criativa e não criativa. No caso da revista *Mensagem*, a consciência da diversidade cultural dos atores envolvidos, e a vontade de conservar tal diversidade, embora numa ótica de união solidária, desafiava a retórica de fim-de-império que apelava à unidade nacional sem diferenças. A isso acresce o interesse pelo que acontecia fora do império português, o que se tornava matéria de reflexão e lição para aplicar em casa. Um dos exemplos oferecidos por Reza é a descolonização massiva dos territórios ocupados por britânicos e franceses a partir de 1960, a qual se refletiu num incremento de prosa política publicada em *Mensagem* nessa altura. No caso da *Preséance Africaine*, a autora destaca a posição preeminente da revista na divulgação do pensamento anticolonial – “the leading lights of the anticolonial cultural world published on its pages”³ – numa ótica panafricanista e, a partir da conferência de Bandung (1955),

2 Reza, *Anticolonial Form*, 34.

3 Reza, *Anticolonial Form*, 40.

terceiro-mundista e explicitamente anticolonial – o que resulta numa maior exposição relativamente ao apoio à causa argelina. Nesse contexto de aspirações universalistas, cabe perguntar: onde se colocam, então, os nacionalismos africanos? Reza chama a nossa atenção para o facto de que a tensão entre nacionalismo e universalismo é uma constante dos números da *Présence Africaine* publicados após 1955, tendo isso uma grande repercussão, mais uma vez, na forma da revista, a qual oscilava entre textos de cariz nacionalista – como os do próprio Mário Pinto de Andrade sobre o nacionalismo angolano – e outros em que o discurso implicava a presença de um sujeito coletivo, colonizado, que prescindia das identidades nacionais.

No capítulo “Theorising reading, writing and society”, a relação dialética entre política e literatura é esmiuçada até ao fundo. Aqui, a produção literária propriamente dita é entendida à luz de uma estratégia pedagógica que visa suplantar o modelo educativo colonial. Essa perspetiva política que resgata a função social da literatura é comum às duas publicações. A experiência do CEA dinamizada pelos poetas-militantes da revista *Mensagem*, a leitura de autores negros como Léopold Sédar Senghor e Aimé Césaire, a correspondência com os editores da própria *Présence Africaine*, ou a encenação de peças teatrais do panorama africano não lusófono, como *Le Maître d’École*, de Keïta Fodébas e traduzido para português por Noémia de Sousa – mais um exemplo de tradução de autoria feminina –, encarnam na perfeição o desenho político descrito por Reza e confirmam a vontade de articular a luta anticolonial através da palavra impressa. Na fase pós-Bandung, que Reza define como segunda fase editorial da *Présence Africaine*, é de salientar o aumento da produção textual que teoriza o papel e as responsabilidades do escritor anticolonial, um debate que não é sempre isento de fricções, e do qual é exemplo a disputa entre Aimé Césaire e René Depestre sobre realismo e formalismo: “des rapports de la poésie et de la Révolution/ le fond conditionne la forme”⁴. Uma polémica política que não deixa de ser um exercício metaliterário. Por outro lado, o debate

4 Reza, *Anticolonial Form*, 63.

entre realismo e formalismo – ou entre *rational prose*, como a define Reza, e escrita criativa – não é motivo de tensão em *Mensagem*. A ideia de uma literatura militante ao serviço do povo é, para Reza, consensual no grupo, tendo sido essa visão fortemente influenciada pela estética neorrealista. Aqui, Reza foca-se na figura de Francisco José Tenreiro – um nome quase esquecido dessa geração de poetas⁵ – e sobretudo de Agostinho Neto, o qual, a partir de 1960, começa a insistir com mais veemência na função social da poesia, sem, porém, descuidar da forma, que continua a ser determinante na produção do próprio contexto.

Além do neorrealismo, outra corrente que Reza invoca é o modernismo africano. No capítulo “Multilingual modernism” são localizadas conexões transnacionais que se afastam do cenário europeu. A revista *Black Orpheus*, com o seu editor Abiola Irele e a sua ligação à *Présence Africaine*, constitui uma parte substancial desse capítulo. O que vem à tona é a presença ativa da *Présence Africaine* nas redes intelectuais africanas, nas quais a revista se afirma como ponte entre o mundo francófono e o anglófono, quando não como ponte entre a Europa e a África. *Mensagem* fica à margem dessa reflexão, por se encontrar excluída desse circuito artístico-literário. Conectando-nos com o que já foi dito sobre o papel de figuras carismáticas, como a de Agostinho Neto, que empurraram para uma explícita politização da literatura, Reza sustenta que a poesia de *Mensagem* foi considerada “overtly militant”⁶, pobre do ponto de vista intelectual e insuficientemente madura do ponto de vista formal para suscitar o interesse de uma revista artisticamente conceituada e apolítica como *Black Orpheus*.

Em “Questions of method”, capítulo que fecha a primeira parte do livro, Alexandra Reza questiona a sua própria prática investigativa à luz dos debates mais recentes sobre a politização da literatura no âmbito dos estudos pós-coloniais, sendo que os seus objetos de estudo parecem

5 De acordo com Reza, Tenreiro foi o único elemento do CEA que não se envolveu nas guerras de libertação nacional, e um dos poucos a não se tornar um líder político. Cabe perguntar se essa contingência não terá tido também consequências no esquecimento de Tenreiro enquanto poeta.

6 Reza, *Anticolonial Form*, 89.

constituir o pretexto perfeito para discutir o modo como encarar fontes que se colocam a meio caminho entre criação literária e produção teórico-política. Aqui, o conceito de literariedade é desafiado em todas as suas facetas e, embora a autora resenhe as vozes mais autorizadas do debate académico em questão, como Deepika Bahri e Peter Hallward, é de destacar que a lição maior chega de um escritor: Aimé Césaire. Reza faz referência à intervenção de Césaire no Deuxième Congrès des Écrivains et Artistes Noirs, organizado em Roma pela própria *Présence Africaine*, em 1959, quando afirmava que, nas sociedades coloniais, qualquer ato de criatividade artística e textual deve ser considerado um gesto disruptivo, porque subverte aquela dicotomia hierárquica entre produtores e consumidores que sustenta o projeto colonial e, com ela, a narração que legitima a subsistência desse projeto. Contudo, o aspeto mais interessante deste capítulo é o diálogo que Reza constrói entre os críticos contemporâneos e as vozes mais teóricas que assinavam nas duas revistas. Um bom exemplo é o debate entre as posições de Hallward (*Absolutely Postcolonial*, 2001), que apela a uma distinção entre cultura e política nos estudos literários, evitando assim uma hiperpolitização do pós-colonial, e as de Alioune Diop, que defendia que a separação entre as duas esferas fosse uma característica intrínseca ao projeto estratégico colonial. Aqui, a habilidade da autora está em tornar o debate teórico numa ferramenta de análise crítica para demonstrar o modo como, na forma-revista, a relação entre literatura e política seja uma relação eminentemente dialética. Talvez a sua única falha seja a de, numa reflexão mais alargada, excluir os jornais diários dessa relação dialética, tornando-a exclusiva das revistas literárias⁷. A relação entre prosa ficcional e prosa não ficcional foi algo que marcou a produção impressa desde a fundação dos primeiros jornais diários nas colónias do império português, primeiro na Índia e depois em África. A própria literariedade do texto jornalístico foi, de facto, fundamental para abrir caminho à instituição de hábitos de leitura e até de escrita criativa, e a relação entre ficção e texto noticioso, nos diários em questão, foi tudo menos hierárquica.

⁷ Reza, *Anticolonial Form*, 105.

Da segunda parte do livro, vale a pena dedicar algum espaço ao capítulo “A poliphonic history of articulated negritude”, o qual constitui uma contribuição inédita para a história da negritude vista de uma perspectiva lusófona, sem esquecer que a intervenção de língua portuguesa nesse debate não se esgota com *Mensagem*, mas se prolonga até *Présence Africaine* sob a forma de tradução e de trocas intelectuais. A partir da ideia de “dépassement de la négritude”⁸, defendida por Mário Pinto de Andrade no Congresso Cultural de La Habana em 1968, Reza pretende dar atenção ao processo que levou a ultrapassar as fases essencialistas da negritude, estudando a forma como esse debate se concretizou nas páginas das duas revistas. Uma transição de posicionamentos políticos que revela uma abordagem bastante conflituosa, sendo conveniente, para a leitura desse capítulo, ter em mente a conceção de *homem novo* de Amílcar Cabral, no caso português, e o pluralismo da negritude francófona frente à linha purista representada por Leopold Sédar Senghor. Começando pela *Présence Africaine*, a autora descreve a abertura de Diop para publicar textos que contrariassem as posições de Senghor, confirmando a vontade da revista de se colocar a meio caminho entre órgão de divulgação da tradição da negritude e lugar de crítica desta. A fase terceiro-mundista da *Présence Africaine*, da qual Reza fala logo no primeiro capítulo do seu livro, permite fazer novas leituras que superam a ideia de uma solidariedade exclusivamente negra, passando a encarnar uma solidariedade para com todos os povos oprimidos. É ulteriormente interessante notar a forma como a autora interpreta a negritude em resposta à insuficiência dos nacionalismos africanos, percebidos como limitantes face às possibilidades de renovação cultural, política, mas também económica, oferecidas pelo projeto terceiro-mundista. Nesse sentido, o que é partilhado pelas duas revistas é a ideia de negritude enquanto comunidade e maneira de estar no mundo, oposta a uma ideia sectária que limita a negritude à afiliação a um movimento político e cultural específico. Exemplo bonito que Reza oferece, em que a negritude se manifesta com todos os seus desdobramentos semânticos,

8 Reza, *Anticolonial Form*, 119.

é a antologia *Poesia negra de expressão portuguesa*, editada em 1953 por Andrade e Tenreiro e dedicada à figura de Nicolás Guillén, poeta cubano considerado “a voz mais alta da negritude da expressão hispano-americana”⁹. Embora o humanismo de Diop tenha tido um peso importante nesse entendimento da negritude, o projeto antológico de Andrade e Tenreiro comprova a forma como as influências nos poetas africanos de língua portuguesa chegavam também de outras latitudes, bem distantes do eixo Paris-Dakar. Além disso, Reza sustenta que as referências internacionais desses poetas seriam sinal de uma clara tomada de posição contra a ideia de um mundo lusotropicalista de língua portuguesa.

Em jeito de conclusão, cabe fazer alguns comentários sobre a forma do próprio livro. *Anticolonial Form: Literary Journals at the End of Empire* é uma narração tecida com minúcia crítica, brilhante análise textual e uma linguagem eloquente, mas não difícil, o que torna a leitura fluida como se de um romance se tratasse. As posições da autora são apoiadas num *corpus* científico atualizado, que varia da teoria da literatura à filosofia, da história aos estudos culturais. Mas o aspeto mais marcante do livro é o impressionante trabalho de arquivo que a autora terá feito durante a sua investigação, bem como a sua capacidade de dialogar com as fontes, tendo sempre em mente que a história da descolonização não é apenas um assunto de história africana, mas faz parte também da história europeia: “understanding the intellectual history of African decolonization as a body of work that theorizes European as well as African society can help us better understand our own histories and presents”¹⁰.

Referência para citação:

Spina, Daniela. “Recensão a *Anticolonial Form: Literary Journals at the End of Empire*, de Alexandra Reza”. *Práticas da História, Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 20 (2025): 253-260. <https://doi.org/10.48487/pdh.2025.n20.41781>.

9 Reza, *Anticolonial Form*, 135.

10 Reza, *Anticolonial Form*, 24.